

# ILHAVIRTUALPONTOCOM

## Informativo sobre Literatura Maranhense

Nº 28

### EDITORIAL

Depois de quase dois anos de inatividade, o informativo **Ilhavirtualpontocom** reaparece agora nesta edição de final de ano para desejar a todos os escritores e amantes das letras um feliz ano de 2018, com muitos contos, romances, poesias, peças teatrais, músicas, performances e todas as demais modalidades artísticas.

Esta edição, que nasce sob o ritmo das canções natalinas, traz um belo conto/poema de Viriato Gaspar sobre o Natal, um artigo da professora e atriz Linda Barros sobre o grande ator maranhense Domingos Tourinho, um breve comentário sobre o livro Banco de Praça, de Fernando Reis, além de algumas sugestões de leitura tanto para o final quanto para o começo do ano e o tradicional cantinho da poesia.

Desejamos um ótimo 2018 para todos.



### EXPEDIENTE

#### Redator

José Neres

#### Colaboração

Linda Barros

Viriato Gaspar

Este informativo é uma publicação independente e que tem como objetivo divulgar a cultura maranhense. Não tem fins políticos e/ou lucrativos



### **SOBRE O AUTOR**

Poeta maranhense atualmente radicado em Brasília, **Viriato Gaspar** é autor de livros como *Sáfara Safra* (1994), *A Lâmina do Grito* (1988), *Onipresença* (1986) e *Manhã Portátil* (1984), além de ter diversos poemas inéditos e outros distribuídos em antologias.

## **MENINO CHORANDO NA NOITE**

O choro do Menino me acordou,  
Tentei virar de lado, mas não dava. O choro do Menino incomodava. Doía lá no fundo. Perturbava. Saí pelo sereno e não O achava. O frio do verão me retalhava as roupas, as orelhas, os pés gelados. E o choro do Menino não parava. Urgente. Doloroso. Ingente e frágil.

Achei-O ao rés de um beco. Ainda chorava. Amparei-O nos braços e corri. O choro do Menino arrepiava. Faminto, nu, gelado, abandonado. Corri pelo silêncio que berrava. Bati às portas, esmurrei as grades, gritei: olhem o Menino que chorava!

Mas em todas as casas havia festas e risadas. Mesas postas, talheres que abafavam o pranto do Menino que chorava. Músicas, abraços, drinques, farras. Presentes aguardando sob as árvores de luzes e de neves que piscavam. Crianças que corriam pelas salas. Irmãos que se abraçavam enquanto outros discutiam, ferozes, e altercavam.

Ninguém me ouviu gritar pelo Menino. Que agora não chorava. Gelado, frio, só, só soluçava. Longe das festas, dos fogos, dos agrados, havia um Menino que expirava.

E enquanto se abraçavam ou se serviam, o Menino sumiu do meu regaço. Ainda pude vê-Lo, de relance, chorando ainda, em meio à solidão dos que não ganham abraço nem nas festas de Natal. No silêncio sem voz dos que não comem. No desalento dos que já não tem nada. No abandono dos que morrem nas calçadas. Das crianças sem teto e sem comida. Dos velhos que se arrastam sem domingos.

E em meio aos risos, festas, barulhadas, abraços e canções, às mesas fartas, bebidas e cartões, votos de nadas, faminto, nu, sozinho, enregelado, eis o Menino morto na calçada.

Papai Noel chegou! Festas, fanfarras, gritos, fogos, rojões, bebidas caras!

O Menino não viu. Não tinha nada a ver com o barulho que atroava. Era apenas um Menino que chorava.

Papai Noel não liga para meninos mortos na calçada.

\*Viriato Gaspar,  
23/12/2017.

## LIVROS MARANHENSES? AMEI...

Uma das grandes desculpas de quem buscava obras de autores maranhenses e não as encontrava em livrarias era dizer que não se podia estudar nossas letras por falta de opções. Mesmo havendo uma lei municipal de autoria do então vereador Ivan Sarney, não era realmente fácil localizar livros de nossos autores para comprar. Claro que havia espaços como o Chico Discos, o Poeme-se, a Livraria Vozes e alguns outros onde sempre foi possível garimpar algumas raridades. Mas dizer que nada havia era mais fácil e satisfazia a quem não se importava com nossas letras.

No entanto, esse problema foi minimizado graças à pioneira iniciativa dos escritores José Viegas e Cleo Rolim, que, de forma corajosa, abriram a Livraria da Associação Maranhense de Escritores Independentes, que traz o carinhoso nome de AMEI.

Muito bem localizada em um frequentado Shopping a livraria disponibiliza não apenas o acesso a obras de nossos autores, mas também um espaço para palestras, conferências, aulas e apresentações, além de facilitar o contato do leitor com os escritores, que geralmente circulam entre os balcões de exposição.

### LOCALIZE-SE

É muito fácil encontrar a LIVRARIA DA AMEI. Ela fica no Shopping São Luís, no piso térreo, perto da livraria Leitura. Desse modo, você que é amante dos livros pode frequentar todos os ambientes e consumir obras dos mais variados estilos literários.





## SUGESTÕES DE LEITURA

Depois de uma década de ausência, hum homem volta aos braços de sua amada. Conhece sua filha e passa uma noite no aconchegante **VALE DAS TRUTAS**. Esse, de forma bem singela, é o enredo do mais recente livro do escritor e membro da Academia Ludovicense de Letras (ALL), da Academia Sambentuense de Letra-se da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores

(Sobrames), o professor e escritor Sanatíel Pereira.

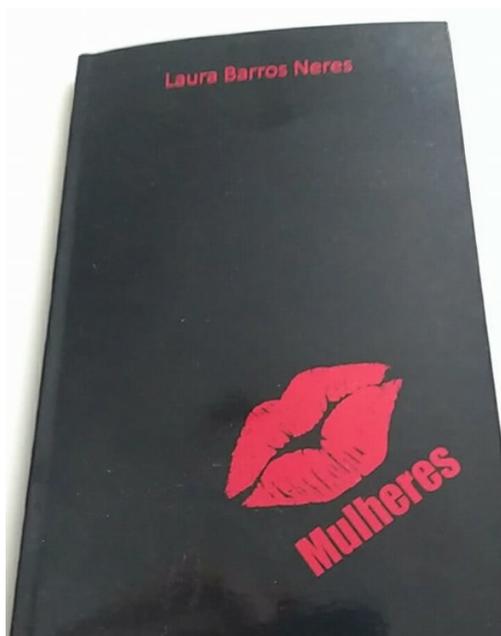
A leitura é agradável e prende o leitor nas tessituras poéticas formuladas pelo autor em uma linguagem simples e envolvente.

Após o contato com esse livro, o leitor vai querer ler também as outras obras do autor, como O Poço (Novela) e Mulheres de Atenas (Crônicas).

---

### *É IMPORTANTE PRESTIGIAR O ARTISTA MARANHENSE*

---



Em apenas dez contos, a jovem escritora Laura Barros Neres, em seu novo livro, intitulado **Mulheres** (Editora Valle, 2017), descreve cenas cotidianas, mas que trazem situações vexatórias vividas por mulheres de diversos perfis físicos e psicológicos. A autora denuncia preconceitos nem sempre explícitos, mas sempre marcantes. Pelas páginas do livro desfilam personagens de alguma forma são discriminadas e que precisam ser ouvidas em suas aflições.

## FERNANDO REIS NO BANCO DA PRAÇA

No início da década de 1990, a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) foi "invadida" por um grupo de jovens idealistas que, após um exaustivo processo vestibular, começava a batalha para alcançar o sonho de ter um diploma de curso superior. Na época, as oportunidades eram poucas e muitos daqueles jovens eram os primeiros membros da família a pôr os pés em uma Instituição de Ensino Superior. O Brasil ensaiava sair de um longo período de crise e a euforia tomava conta de boa parte da população. Mas quase todos aqueles jovens vinham de famílias humildes e sabiam que estudar poderia ser a única maneira de sair da pobreza material na qual estavam mergulhados.

A alegria de poder frequentar um universo diferente daquele com o qual estavam acostumados contrastava com a falta de recursos comprar livros e até mesmo para pagar a passagem de ônibus diariamente ou mesmo para comprar o tíquete que dava direito a um almoço ou jantar no famoso RU (restaurante universitário). Alguns desses entraves eram resolvidos com criatividade. A falta de dinheiro para os livros e para as xerox era compensada com horas a fio na biblioteca; os pés ainda descansados substituíam os pneus do ônibus no trajeto entre o Anel Viário e o Bacanga; e muitas vezes as longas e animadas conversas sobre poemas,

artes e cinema faziam esquecer a fome de comida. No intervalo entre o turno matutino e o vespertino, a sala DA (Diretório Acadêmico) transformava-se em um quartel-general onde aqueles garotos e garotas recuperavam as forças para mais uma sessão de estudos, pois, no caso do curso de Letras, havia aulas pela manhã e pela tarde.

Aquela geração tinha tudo para ser apagada pela história. Porém havia alguns diferenciais que uniam muitos daqueles jovens: a vontade de vencer e a paixão pela leitura, pela literatura, pela escrita. Cerca de três décadas depois, vários daqueles nomes que antes pertenciam a pessoas anônimas, agora são importantes vultos de nossas letras, como por exemplo: Antônio Aílton (professor, poeta, ensaísta), Ricardo André Ferreira Martins (o hoje premiadíssimo poeta, prosador e ensaísta Ricardo Leão), Lindalva Barros (a hoje escritora e atriz Linda Barros), Dino Cavalcante (professor, ensaísta e coordenador do Curso de Letras da Ufma); Natanilson Campos (professor, poeta e prosador); Hagemenon de Jesus (professor e poeta), Karina Mualem (professora e poetisa), Bioque Mesito (poeta e professor), Ilza Cutrim (professora e pesquisadora), Fernando Reis (professor, poeta e contista), entre tantos outros.

## SOBRE OS AUTOR

Fernando Reis é analista judiciário, professor e pedagogo. No mundo literário, divide-se entre a poesia a prosa e a leitura da obra dos autores clássicos e dos contemporâneos.



Essas recordações saltaram à minha memória por duas vezes em menos de dez dias neste final de ano. Primeiro na posse de Antônio Ailton na Academia Ludovicense de Letras e, dias depois, ao encontrar o amigo Fernando Reis no lançamento de seu livro **Banco de Praça**, na livraria da Amei, na antevéspera de Natal. Adquiri o livro, pedi autógrafo e aproveitei para colocar a conversa em dia com esse rapaz que sempre se destacou não apenas pelo físico avantajado, mas também pelas polêmicas, pelo bom humor, pela paixão pelas letras e pela candura que sempre dispensou aos amigos.

**Banco de Praça** (Editora Chiado, 2017) é uma daquelas obras gostosas de serem lidas. Os contos são límpidos e claros como uma bela conversa em uma praça por onde passam as figuras mais díspares e mais singulares ao mesmo tempo. Quase todas as narrativas estão centradas na área central da capital maranhense e as histórias mesclam doses de picardia, ironia e até mesmo do drama humano pelo qual todos podem passar a qualquer momento. Os textos são curtos e podem ser lidos em um fôlego, mas exigem alguma atenção por parte do leitor, pois não é apenas o factual que interessa na trama, mas sim o breve mergulho na essência humana. Cada personagem é um universo particular que se desdobra muitos micocosmos, formando um todo contínuo que espelha muito daquilo pelo qual passamos diariamente. O locus

narrativo pode ser um bar, uma rua, o mercado ou mesmo um anônimo bar. Fernando Reis sabe que é por ali que verdadeira vida germina e que as múltiplas emoções pululam e se multiplicam. Nas páginas do livro, desfilam o povo simples, os bêbados, os paqueradores, os desamparados, as mulheres boazudas, os meninos de rua e toda uma leva de serem que passam por nós todos os dias, mas para os quais nem sempre temos olhos. Como todo artista, o contista maranhense aproveita sua arte para jogar luzes sobre problemas para os quais nem sempre damos atenção. Em contos como **Antônio** (p. 47), a alma humana é esmiuçada e as angústias pessoais entram em rota de colisão com os muitos problemas sociais com os quais nos deparamos a cada momento.

**Banco de Praça**, apesar de não trazer inovações técnicas ou temáticas, é um livro que nos leva à reflexão sobre diversos temas e, ao mesmo tempo, diverte e ensina. Leitura recomendada para uma manhã de sol ou de chuva, para uma tarde sonolenta ou para distrair durante uma viagem de ônibus, para uma noite de insônia ou para ler diante de uma roda de amigos, ou seja, leitura para todas as horas e para todos os lugares.

José Neres

## DOMINGOS TOURINHO

O teatro maranhense muito pode se orgulhar de ter em seu cenário um dos maiores nomes das artes cênicas da atualidade: Domingos Elias Tourinho, mais conhecido no meio artístico como Domingos Tourinho.

Ator, diretor, produtor cultural e professor de Artes Cênicas, Tourinho nasceu em São Luís e desde muito cedo recebeu influência de sua mãe, que sempre “fazia comédias na Fábrica do Rio Anil e eu gostava de representá-la”, assim disse ele ao contar um pouco de sua história.

Por

**Linda Barros**

Professora, atriz, especialista em Língua Portuguesa, em Dança Educacional e em Artes Cênicas. Articulista do Jornal do Maranhão, onde assina textos sobre cultura maranhense

*“Domingos Elias Tourinho é atualmente um dos maiores representantes da dramaturgia maranhense “*

Na convivência com o mundo encantado do teatro, Domingos Tourinho montou seu primeiro espetáculo, na década de setenta do século XX, chamado *O Caso dos Pirlampos*, com texto de Maria Clara Machado, pelo CEMA (Centro de Ensino do Maranhão). Nessa época, havia os festivais de teatro do CEMA, que servia para revelar talentos e mostrar ao público novos atores e diretores. O Espetáculo foi premiado nas finais, que aconteceram no Teatro Arthur Azevedo. Anos depois o talentoso ator e diretor entrou para o LABORARTE - Laboratório de Expressões Artísticas, ficando na instituição

por pouco mais de um ano.

Hoje parece difícil de acreditar, mas, na juventude, Tourinho era muito tímido e acanhado. Motivo pelo qual ele resolveu fazer cursos de teatro. Não demorando muito, chamaram-no para um grupo artístico no bairro Anil, chamado GETEL (Grupo de Teatro Livre). A partir de então, as oportunidades começaram a surgir, chegando a dirigir um espetáculo para a Semana Santa, chamado *Os Dez Mandamentos*.



Sobre a arte de representar, Tourinho diz que o teatro facilita muito no que diz respeito a adquirir conhecimento técnico e teórico, afirmando ainda "que não há nenhum progresso se não for através do estudo, de cursos que possibilitem o aperfeiçoamento"

Tourinho é um dos fundadores da COTEATRO – Companhia Oficina de Teatro – que é uma sociedade cooperativa de atores maranhenses criada em agosto de 1989. essa companhia prioriza a pesquisa de linguagens cênicas e valoriza o universo regional.

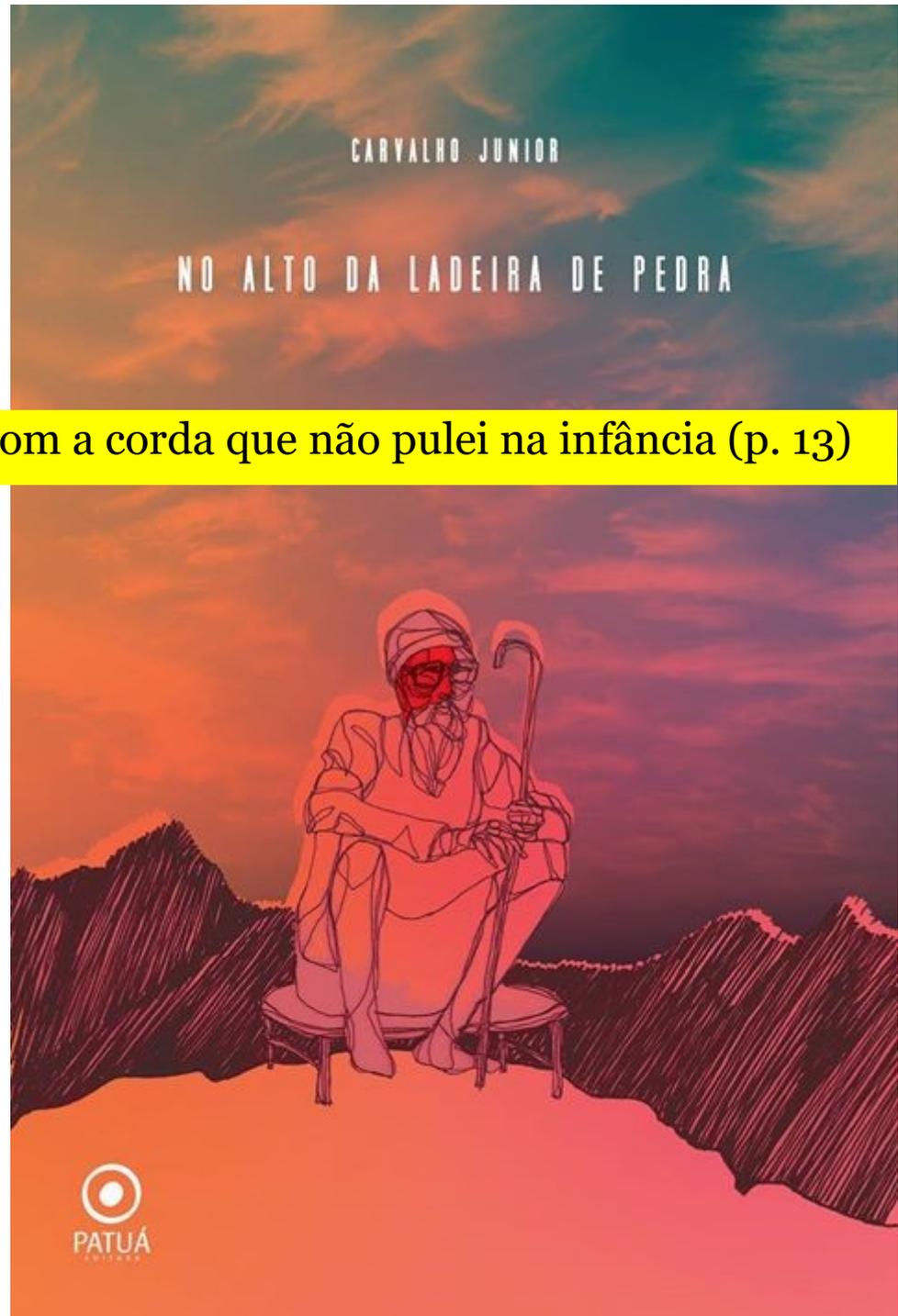
Dono de muitos recursos técnicos, Tourinho é o tipo de ator que encanta a plateia desde as primeiras cenas, seja por suas performáticas expressões corporais, seja por sua técnica vocal que costuma dar mais vida e vigor aos textos interpretados.

*Dentre suas principais trabalhos estão: O Auto da Compadecida; Os Mistério do Sexo; Restrés Pai D'Égua; O Castigo do Santo; Édipo Rei; Paixão Segundo Nós, peça muito elogiadas tanto pelo público quanto pela crítica.*

Domingos Elias Tourinho é atualmente um dos maiores representantes da dramaturgia maranhense



## CANTINHO DA POESIA



matei-me com a corda que não pulei na infância (p. 13)

